



ENSINO E APRENDIZAGEM DA GEOGRAFIA A PARTIR DE DIFERENTES ABORDAGENS METODOLÓGICAS

Danúbia Zanotelli Soares¹

Mestra em Geografia pela Universidade Federal de Rondônia
danubia_zanotelli@hotmail.com

Marcos Lino Montalvão²

Graduado em Geografia e Especialista em Ensino e Didática do Ensino Superior
marcoslino10@hotmail.com

Maria das Graças Silva Nascimento Silva³

Pós-Doutora em Geografia Humana pela Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG -PR
gracinhageo@hotmail.com

Para citar este artículo puede utilizar el siguiente formato:

Danúbia Zanotelli Soares, Marcos Lino Montalvão y Maria das Graças Silva Nascimento Silva (2020): "Ensino e aprendizagem da geografia a partir de diferentes abordagens metodológicas", Revista Contribuciones a las Ciencias Sociales, ISSN: 1988-7833, (septiembre 2020). En línea: <https://www.eumed.net/rev/cccss/2020/09/ensino-geografia.html>

Resumo

O presente artigo tem como objetivo discutir o ensino e aprendizagem da geografia, enquanto componente curricular no contexto educacional brasileiro, apontando diferentes abordagens metodológicas que contribuem para a prática docente, e na aprendizagem dos conteúdos por parte dos discentes. A pesquisa é de natureza qualitativa, com base indutiva em estudos secundários, uma vez que utilizamos informações disponíveis em diferentes instrumentos de pesquisas, a exemplo de livros, artigos e sítios eletrônicos. Ensinar e aprender a geografia vai além de decorar os conteúdos propostos e se ater as informações fornecidas através do livro didático. As inúmeras metodologias de ensino propiciam ao docente uma gama de possibilidades de trabalhar o conteúdo contido nos instrumentos didáticos de maneira lúdica e interdisciplinar, relacionando as diferentes porções territoriais do mundo e seus fenômenos, ao lugar vivido e vivenciado pelos discentes.

Palavras Chaves: Ensino da Geografia, Interdisciplinaridade na Geografia, Alunos no Lugar Vivido.

GEOGRAPHICAL TEACHING AND LEARNING THROUGH DIFFERENT METHODOLOGICAL APPROACHES

Abstract

This study aims to discuss Geographical teaching and learning as curricular structure of Brazilian Education by pointing out different methodological approaches that contribute to teaching activity as well as to learning process about contents which have been learned by students. A qualitative

¹ Mestre em Geografia pela Fundação Universidade Federal de Rondônia- UNIR (2019), Membro do Grupo de Pesquisa em Geografia: "Mulher e Relações Sociais de Gênero – GEPGÊNERO" – UNIR, e docente da Secretaria de Estado da Educação de Rondônia.

² Graduado em Geografia e Especialista em Ensino e Didática do Ensino Superior pela FIAR (2011). Docente da Secretaria de Estado da Educação do Amazonas.

³ Pós-Doutora em Geografia Humana, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG -PR. Professora Associada do Departamento de Geografia da Universidade Federal de Rondônia - UNIR. Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Geografia, Mulher e Relações Sociais de Gênero – GEPGÊNERO-UNIR.

research was carried out. Inductive principles were also used based on secondary studies. Different research tools have been used in order to collect information such as books, papers and websites. Geographical teaching and learning process does not mean learn by memory. This process goes far beyond the ability to get information based on textbooks. The many teaching allows teachers a range of opportunities to develop the content placed in teaching tools in an interdisciplinary and entertaining way, that is, by connecting different territories all over the world and their phenomena with places where students live as well as places where actions are experienced by them.

Keywords: Geography Teaching, Interdisciplinarity in Geography. Student's in Living place.

ENSEÑANZA Y APRENDIZAJE DE LA GEOGRAFÍA POR MEDIO DE DIFERENTES ABORDAJES METODOLÓGICOS

Resumen

El reto de este trabajo es discutir el proceso de enseñanza y aprendizaje de la geografía como componente curricular en la educación brasileña. Para ello, estudia diferentes abordajes metodológicos que contribuyen no solo a la práctica docente sino también al aprendizaje de los contenidos por parte de los estudiantes. Esta investigación tiene naturaleza cualitativa e inductiva, así que tiene en cuenta estudios secundarios, es decir, busca informaciones en diferentes instrumentos de investigación como, por ejemplo, libros, artículos y sitios de la internet. El proceso de enseñanza y aprendizaje es algo que va más allá de lo que se sabe de memoria sobre los contenidos y las informaciones presentes en los libros de texto. Las innumerables metodologías de enseñanza ofrecen a los docentes un gran abanico de posibilidades para trabajar los contenidos presentes en los instrumentos didácticos de modo lúdico e interdisciplinar, comprendiendo los diferentes territorios alrededor del mundo y sus fenómenos en relación al lugar vivido por los estudiantes y también a lo vivido por ellos.

Palabras clave: Enseñanza de Geografía, Interdisciplinaridad en Geografía, Estudiantes en el Lugar Vivido.

1. INTRODUÇÃO

Enquanto componente curricular é de extrema urgência e importância à reflexão e (re) construção da geografia, por constituir a disciplina que estuda o espaço natural e geográfico, as transformações ocorridas sobre ele, e, sobretudo, as relações interpessoais que culminam nas questões sociais. Nesse contexto, importante a quebra de paradigmas e certezas sobre metodologias de ensino e aprendizagem que não correspondem às expectativas dos educandos da contemporaneidade. É necessário refletir o papel do professor de geografia como formador de ideias, e buscar junto a documentos que direcionam o ensino da mesma, diferentes maneiras de fazer desta área do saber algo próximo a realidade dos educandos. É essencial que o discente consiga enxergar a si mesmo nos espaços vividos.

Nesse contexto, a presente pesquisa tem por objetivo discutir diferentes metodologias de ensino e aprendizagem, capazes de lograr êxito no trabalho docente, a exemplo das aulas de campo

nos arredores das unidades de ensino, da construção de maquetes acerca da sociedade dos discentes, da musicalização, e de atividades com uso do mapa mundo ou globo terrestre. Não se pretende fazer análise, tampouco contar a história da geografia enquanto ciência e componente curricular. Mas sim, fazer da geografia um campo de partilha de conteúdos, como também de saberes e de cooperação. No contexto educacional, isso pode acontecer a partir da observação de problemas que permeiam a sociedade local, até mesmo da própria sala de aula e relacioná-lo a um contexto que perpassa os muros da escola, o limite territorial do município, estado e país. A geografia tem a capacidade de (cor) relacionar os acontecimentos locais em escala planetária, conduzindo o educando ao conhecimento do mundo, através do lugar onde vive.

É possível ensinar o que é tempo, espaço e lugar, por exemplo, a partir da observação e leitura dos livros didáticos. Necessário ressaltar a importância desse aparato, pois propicia ao professor e aos alunos, uma visão geral acerca de determinado fenômeno. Entretanto, nada impede que tais conteúdos se entrelacem aos locais de morada dos próprios educandos, trazendo a geografia para um espaço de vivência! Ou fazendo da mesma um “espaço vivenciado”. A geografia atual não pode ser definida apenas e/ou limitada ao estudo cartográfico, do solo, das formações vegetais, haja vista que a mesma tem a condição de conduzir os discentes a refletir sobre os percalços existentes em suas comunidades e/ou bairros, e principalmente, propondo soluções para os problemas identificados.

Ressaltamos também a importância do trabalho docente, que visualiza as infinitas possibilidades de trabalhar os conteúdos da geografia de forma integrada a outras disciplinas, através da interdisciplinaridade, objetivando despertar nos educandos o gosto pela matéria, bem como transformar o modo que muitos educandos veem o componente curricular: decorativa e sem muita importância. É preciso conduzir os discentes a percepção que a geografia está em todos os lugares, e que as paredes das salas de aulas e os muros das unidades de ensino, não funcionam como barreiras, que a distância de suas vidas no espaço humanamente construído e habitado, tampouco que os tornam neutros, perante os problemas socioambientais e humanos.

2. A GEOGRAFIA NO CURRÍCULO E NO DIA A DIA

A geografia enquanto ciência possui a responsabilidade de entender as transformações geográficas e sócioespaciais realizadas ao longo dos anos nas sociedades pelas diversas formas de vida que nela habitam. Edgar Morin (2008) salienta, porém, que um dos maiores problemas em fazer da geografia uma ciência é a maneira como o estudo e conhecimento da mesma foram realizados durante muitos anos. Isso porque em muitos momentos a disciplina herdou crenças, conceitos e anseios subjetivos de quem a definia.

A geografia ou os conhecimentos geográficos, são capazes de organizar os espaços que constitui o todo do saber geográfico, pode-se dizer em conceito a complexidade. O conceito da complexidade surge em 1960, a partir da necessidade de compreender a organização do espaço e as ações antrópicas realizadas sobre os ambientes e que são responsáveis pela transformação e formação dos diferentes ambientes terrestres e ecossistemas. Entretanto a geografia não se limita somente a isso, mas a quebra de padrões até então estabelecidos sobre conceitos geográficos (Morin, 2012).

O homem é construtor do espaço! Este construído através dos contatos e experiências vividas e materializado com o tempo. A observação do meio que nos cercam através da composição geográfica e da paisagem é capaz de contar a história de uma localidade, através das transformações ocorridas. Em contrapartida, é nesse espaço que o homem encontra proteção, repouso e acalento. Dardel (2011) rompe com os paradigmas de que estudar a geografia é analisar somente a história da terra ou sua caracterização, que elementos a compõem, suas formas de relevo. Ele nos apresenta a possibilidade de fazer da geografia uma ciência viva.

As considerações de Edgar Morin vão ao encontro do que propõe os Parâmetros Curriculares Nacionais BRASIL/PCNs (1998, p. 29) ao afirmar que “A Geografia é uma área de conhecimento comprometida em tornar o mundo compreensível para os alunos, explicável e passível de transformações”. O espaço geográfico da atualidade é um espaço vivido e vivenciado, cabe, portanto trazer à tona as considerações de Bollnow (2008, p. 16) ao afirmar que “o espaço vivido não se trata de nada psíquico, mas do próprio espaço, uma vez que o homem nele vive e com ele convive. Trata-se o espaço como meio da vida humana”. Respaldamo-nos então, a importância de fazer da geografia uma disciplina que leve em consideração as experiências vividas e vivenciadas pelos educandos fora das instituições de ensino e da sala de aula, possibilitando a formação crítica e reflexiva de cada discente, e o comprometimento com o lugar habitado.

Silva et. al. (2015, p. 2) afirma que “O interessante é estimular nos alunos o prazer em aprender geografia e ampliar suas capacidades de observar, conhecer, debater, explicar, comparar e indagar mediante a compreensão da realidade geográfica, estimulando a criatividade e o imaginário”. Essa necessidade ao longo dos anos mudou a concepção de muitos educadores que passaram a repensar suas práticas didáticas e metodológicas, colocando o educando no centro das discussões e conduzindo-os a “Aprender a observar, analisar o espaço e a interpretar os fenômenos que o constituem isto é ler o espaço e se reconhecer em seu espaço vivido”. (Silva et. al. 2015, p. 2).

Entretanto, é de suma importância continuarmos a defender a construção de uma geografia crítica, como proposta por Milton Santos (2012) em sua obra intitulada “Da Crítica da Geografia a Geografia Crítica”, que prepare os educandos a identificar os problemas das sociedades por eles habitados ou compartilhados, porém que os tornem capazes de transformar realidades insatisfatórias e catastróficas obtidas através de uma ampla visão de mundo, que deve ir além das barreiras que o cercam, para algo considerado ideal a sobrevivência humana.

Paulo Cesar da Costa Gomes (2003) afirma que na França, entre o final da década de 1980 e início da década de 1990 do século XX discutia-se a retirada da geografia do currículo de educação básica, justamente por entenderem que a mesma não condizia com as características pretendidas na modernidade, por constituir-se em uma geografia que não conseguia realizar uma ação interdisciplinar com outras áreas científicas. Mesmo tentando era muito superficial. Caminhando para o fim do segundo decênio do século XXI, essa é ainda uma preocupação em todas as partes do mundo, inclusive no território brasileiro.

No Brasil é tida como componente curricular no século XX, no ano de 1934, com o “surgimento do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo” (Soares, 2011, p. 138). Porém, infelizmente o ensino da mesma não aproximava o homem do meio em que ele vivia. Ademais, era marcada pela corrente positivista e caracterizada por Silva (et.al, 2015, p.8) como omissa a “[...] uma política própria, que só contribuía para afastá-la da sociedade, já que todos são seres políticos e politicamente atuantes. A Geografia era vista como a ciência dos lugares, o homem não adentrava em suas análises”.

Desde que consolidada como disciplina no Brasil, não foi observada interdisciplinaridade entre a geografia com outras áreas do saber, muito menos práticas pedagógicas, que ia além da leitura do livro didático ou uso quadro negro. Aliás, necessário considerar que essa não era uma

ação pretendida. Entretanto e felizmente, essa característica sobre a forma de se trabalhar a geografia nas unidades de ensino, vem passando por transformações, que acreditamos estar diretamente ligada ao desenvolvimento tecnológico proporcionado pelo processo de globalização. Além disso, o estudo das diferentes sociedades é objeto de pesquisa da geografia, porém isso só se torna possível se houver essa abertura para o conhecimento de diferentes sociedades.

A concepção da geografia como ferramenta que possibilita ao educando enxergar-se na natureza é capaz de modificar suas ações e (re) construir a maneira como o componente curricular é vista por boa parte dos educandos. Apesar das mudanças ocorridas ao longo dos anos, perdura à concepção de que a geografia é uma disciplina decorativa, e de pouca importância. Tais abordagens são equivocadas e devem se fazer presentes em debates e principalmente, por meio de novas estratégias de ensino, conduzindo os educandos a mudanças de conceitos acerca da matéria levando-os a “[...] compreensão de sua posição no conjunto das relações da sociedade com a natureza; como e por que suas ações, individuais ou coletivas, em relação aos valores humanos ou à natureza, têm consequências, tanto para si como para a sociedade” (Brasil/PCNs, 1998, p. 29), ao mesmo tempo, contribuindo para a melhor aprendizagem do que é ensinado.

Para alcançar os objetivos propostos, é de suma importância a abordagem quanto ao trabalho docente. O professor enquanto agente ativo, capaz de despertar nos educandos o gosto pela aprendizagem e a transformar distintas realidades, enxerga a necessidade de mudanças e adaptações de suas metodologias de ensino, almejando estar em consonância com os apontamentos contidos em documentos normativos, bem como decretos e leis municipais, estaduais e/ou federais para o ensino da disciplina. Importante considerar, neste processo, que a realidade profissional vivida por cada educador (a), e os esforços para atender as necessidades de aprendizagem de cada aluno, são díspares, assim como as porções territoriais desse país continente.

3. METODOLOGIAS DE ENSINO PARA O ENSINO E APRENDIZAGEM DA GEOGRAFIA

De acordo Silva et. al. (2015, p. 2) “O grande desafio para os professores de geografia é vencer a monotonia dominante na maior parte das escolas e desmitificar a história de que estudar geografia é chato e cansativo e o pior de tudo apenas decorar”. Essa não é apenas uma

preocupação por parte dos educadores, mas das Secretarias de Ensino e do Ministério da Educação. As políticas educacionais e os trabalhos realizados dentro das unidades de ensino apontam, para a urgência sobre a transformação acerca de ensinar e aprender a geografia. Como visto ao longo do estudo, a geografia é indissociável ao homem, portanto, não deve ser vista de maneira fragmentada e/ou distante de sua realidade.

A interpretação da geografia atual vem indicando ações pedagógicas diferenciadas objetivando posicionar os educandos em diferentes contextos a partir do contato com locais distintos, levando-os a relações de proximidade com o lugar por eles vivido e vivenciado. Isso fará com que a natureza ganhe olhares díspares. Corroboramos com Kaercher (1996, p. 110) de que é necessária uma educação “[...] que respeite e parta do conhecimento das comunidades onde se insere a escola e não a simples "doação" do conhecimento erudito/formal para esta comunidade”.

Ademais, o local de vivência do aluno deve sempre ser levado em consideração, pois permite identificar atitudes comportamentais desencadeadas a partir das relações humanas. “No ensino, professores e alunos poderão procurar entender que tanto a sociedade como a natureza constituem os fundamentos com os quais paisagem, território, lugar e região são construídos” (Brasil/PCNs, 1998, p. 30), considerando ainda que,

O ensino de Geografia, de forma geral, é realizado mediante aulas expositivas ou leitura dos textos do livro didático. Entretanto, é possível trabalhar com esse campo do conhecimento de forma mais dinâmica e instigante para os alunos, por meio de situações que problematizem os diferentes espaços geográficos materializados em paisagens, lugares, regiões e territórios; que disparem relações entre o presente e o passado, o específico e o geral, as ações individuais e as coletivas; e que promovam o domínio de procedimentos que permitam aos alunos “ler” e explicar as paisagens e os lugares. (Brasil/PCNS, 1998, p. 135).

As metodologias estimulantes realizadas pelos educadores não necessitam ser de difícil concretização, ou que demande recursos inexistentes para que sejam realizadas. Podemos citar como exemplo aulas de campo ao redor da escola, na comunidade. Tal metodologia e ação educativa conduzirão os educandos ao conhecimento da sociedade onde à unidade de ensino está inserida. Em uma atividade como essa, os discentes podem observar a paisagem preservada ou modificada pelo homem, os problemas ambientais e sociais ali existentes, bem como elementos que remetam a cultura daqueles que estão presentes nesse espaço, a exemplo de músicas, composição étnica dos moradores, tipo de construções, etc. Corroboramos com Silva et. Al. (2015, p. 3) que “o

ensino não está ligado apenas à estrutura física da escola, isso é a geografia analisando as transformações do mundo no mundo, dessa forma os alunos percebem que a geografia faz parte de seu cotidiano”.

Kaercher (1996) nos alertava sobre a existência da geografia desde sempre, uma vez que ela é construída cotidianamente pelos seres humanos. Nesse sentido, importante romper com a ideia de que ela é vista apenas no contexto educacional ou nas instituições de ensino. Esse princípio é responsável, não somente para a existência de novos métodos de ensino, baseado nas experiências dos discentes, mas também, que a partir da observação os alunos possam compreender o meio onde vivem, para posteriormente, estarem aptos a novas formas de aprendizagem. Nesse sentido, apontamos a construção de maquetes como forma de materializar os lugares onde vivem. Hahn e Kaercher (2016, p. 263) afirmam que “A maquete consegue misturar o real com o imaginário. Possibilita trazer o mundo para a sala de aula, permite colocar diante dos olhos dos alunos uma visão de um campo maior”.

A figura 01 é uma maquete que representa a vegetação da mata atlântica. Como é possível observar, os discentes reproduziram as espécies de árvores e os animais existentes na vegetação. A atividade propicia aos alunos a pesquisa, no intuito de conhecer mais sobre o bioma, para que, posteriormente, possam materializar os conteúdos aprendidos, além disso, permite aos mesmos o trabalho em grupo, contando com a criatividade na execução.

Figura 01: Vegetação da Mata Atlântica



Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

De Paulo (2015, p. 795) afirma que “[...] a maquete desenvolvida de modo lúdico e, simultaneamente, com rigor e critério, sobretudo, voltada para o comprometimento em atender necessidades do processo ensino e aprendizagem, contribuem para a alfabetização cartográfica”. A maquete tem a capacidade de tornar os elementos observados pelos discentes em algo palpável, principalmente, o que está distante do poder de tato dos discentes (Hahn; Kaercher, 2016). Além disso, é um instrumento pedagógico de fácil construção e de baixo valor, abarcando assim as várias classes sociais presentes no espaço compartilhado da sala de aula. Corroboramos com Santos e Costella (2016, p. 166) que na construção das maquetes os discentes “[...] constroem o conhecimento sobre as relações espaciais no momento em que interage com os elementos que compõe o seu próprio espaço, discutindo a existência, a necessidade e a função, filtro necessário do olhar sobre o espaço em que vive ou não”. Importante que o professor tenha olhar atento para esse aspecto, caso contrário às atividades não estarão na mesma proporção e condição de realização para todos os discentes da turma.

A figura 02 representa o bairro ou lugar da cidade onde os discentes de determinada comunidade escolar habitam. A mesma vai ao encontro do parágrafo supracitado, onde os discentes irão confeccionar o material levando em consideração suas experiências subjetivas no lugar vivido. As casas altas do chão, não representa apenas uma característica arquitetônica, mas a condição física do lugar onde elas estão construídas: alagamento da área, em épocas de cheia dos rios.

Figura 02: Maquete de uma porção territorial de uma cidade.



Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

É possível perceber que os discentes representaram o rio, que não exerce influência apenas no modo de vida da população, e serve para abastecimento de água nas residências. Eles têm participação direta na economia local, haja vista que esses cursos de água, possibilitam a pesca, que é fonte de alimentação e renda para a população, possíveis de se confirmar nas embarcações próximo às margens do mesmo.

Assim como as maquetes, a musicalização ou construção de paródias constituem importantes instrumentos de ensino. Santos e Lorenzo (2015, p.2) salientam que “[...] o uso da metodologia é capaz de satisfazer os objetivos curriculares da disciplina, além de aproximar o alunado das discussões geográficas de uma forma mais descontraída”. Nessa proposta os alunos devem estar livres para escolher o ritmo musical que desejam trabalhar, o que geralmente estará de acordo com a sociedade que fazem parte, ou seja, os ritmos musicais serão aqueles que a maioria tem contato no meio onde vivem. Tem-se aqui um importante instrumento para reconhecimento do público atendido, para posteriores abordagens metodológicas.

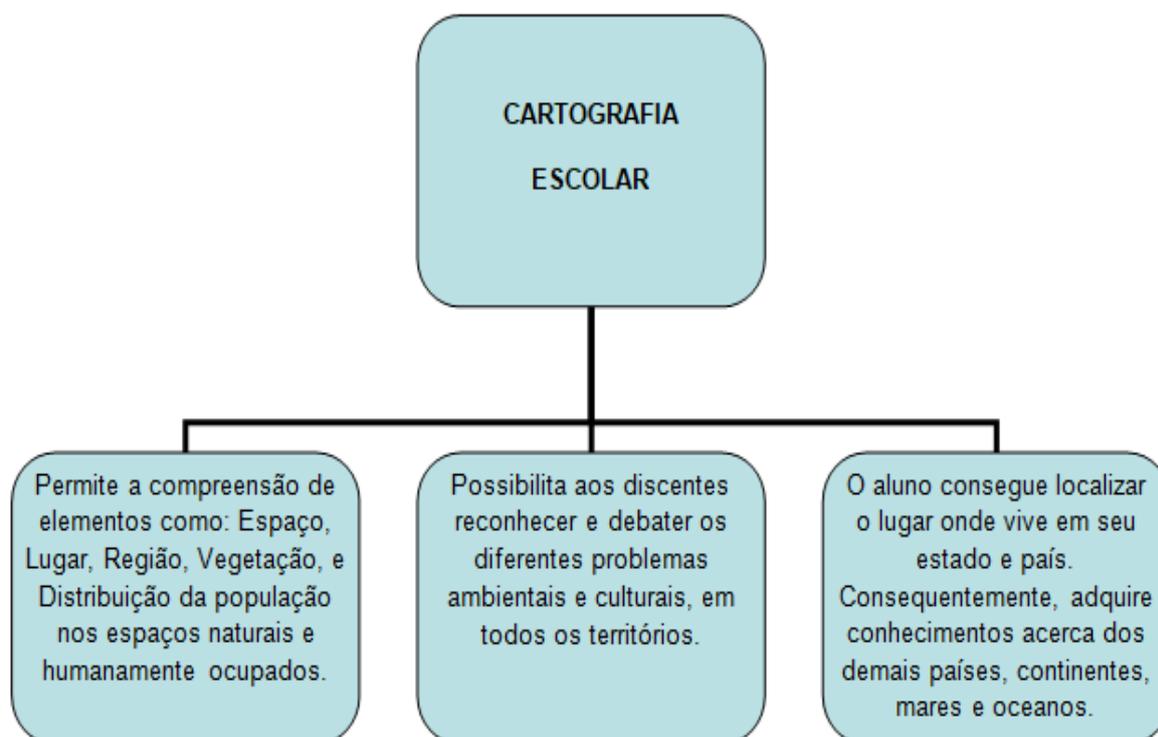
É perceptível nos educandos em todos os ciclos de ensino pouco e/ou nenhum conhecimento acerca da cartografia. Nesse sentido o manuseio do globo terrestre aguça a curiosidade pelo conhecimento da localização de cada país no hemisfério terrestre. Além disso, pela falta de contato com a ferramenta, muitos alunos manifestam sentimentos de repulsa em relação ao

mesmo. De acordo com Carvalho e Araújo (2009, p. 2) “O globo terrestre é, sem dúvida, uma figura historicamente conhecida e associada à Geografia. Até podemos afirmar que é a representação da Terra que mais se assemelha à sua forma”. Diante disso é necessário que ele se faça presente nas aulas de geografia.

Entretanto além de manusear o globo terrestre é necessário que os educandos trabalhem com mapas, por considerarmos ser a cartografia essencial à formação da vida acadêmica dos mesmos. Ademais, corroboramos com Castrogiovanni e Abreu e Silva (2016, p. 144) que a “A cartografia escolar trabalhada nas escolas visa iniciar os sujeitos no aprendizado dos conteúdos cartográficos, bem como construir o conhecimento necessário a compreensão na leitura de mapas”. O professor em suas aulas pode usar o planisfério terrestre para explicar os conteúdos propostos e posteriormente, com auxílio de “mapa mudo” ou “mapa em branco”, propor atividades aos mesmos, relacionado ao assunto abordado, uma vez que essa ferramenta permite trabalhar vários conteúdos, devido suas diversas formas de uso.

Necessário considerar, porém, que a cartografia vai muito além do uso do globo terrestre e/ou do mapa mundo em sala de aula. Ela exerce importante influencia na compreensão do mundo pelo discente, uma vez que, através da visualização dos mapas, os alunos podem compreender desde o lugar onde habitam, a porções globais, e dessa forma, relacionar os elementos naturais, geográficos, e culturais, por exemplo, a outros lugares. A cartografia escolar é de suma importância para a aprendizagem satisfatória dos conteúdos relacionados a geografia, conforme figura 3.

Figura 03: A cartografia escolar



Fonte: Elaborado pelos autores.

Os vídeos e filmes são outros meios de grande valia para o ensino da geografia. Piedade e Pires (2014, p. 5) ponderam que “[...] o cinema nas aulas de Geografia possibilita a visualização de diferentes paisagens, lugares, territórios, regiões, ou seja, o espaço geográfico”. Além das diferentes paisagens, o professor pode optar por filmes, vídeos ou reportagens que estejam de acordo com o conteúdo trabalhado em sala de aula e auferem as questões políticas, religiosas, econômicas, etc. Ou seja, não somente as questões físicas do espaço geográfico, mas todo e qualquer assunto que esteja relacionado a ele. A proposta metodológica favorece ainda o trabalho docente que estará em constante aprimoramento, contribuindo para a transversalidade do currículo.

A geografia é uma matéria que possibilita a adequação a vários temas justamente por trabalhar com assuntos relevantes e presentes na superfície terrestres. Nesse contexto, os projetos interdisciplinares podem enriquecer e conduzir os educandos a melhor compreensão do conteúdo de maneira integrada a outros componentes curriculares. Charaudeau (2010, p. 28) já dizia que “[...] nenhuma disciplina, excluindo o momento de seu procedimento de análise, pode ficar fechada em sua ortodoxia. Ela precisa estar disposta a abrir-se a uma dupla interrogação, interna e externa ao seu campo disciplinar”. É necessário ainda pontuar as considerações de Kaercher (1996, p. 110)

sobre a interdisciplinaridade, no qual o autor nos alerta que a interdisciplinaridade busca “romper com a hierarquização do saber e sua excessiva compartimentação”. De acordo com Pontuschka, Paganelli e Cacete (2007) a interdisciplinaridade possibilita que as disciplinas contidas no currículo escolar dialoguem entre si, visando um processo de ensino e aprendizagem integrador.

Além disso, quando o professor limita-se ao seu componente curricular acreditando saber o suficiente para transmitir aos educandos, acaba se tornando conhecedor apenas de sua disciplina e não consegue fazer elos que facilitam a aprendizagem dos educandos, nesse sentido, corroboramos com Morin (2008, p. 17) no qual o autor afirma que “[...] o próprio especialista torna-se ignorante daquilo que não concerne a sua disciplina”. Toda e qualquer disciplina precisa de outro componente para desenvolver-se. A geografia, por exemplo, necessita da matemática para cálculos de densidade demográfica, fusos horários, etc. Da língua portuguesa para interpretação de textos, gráficos e tabelas, por exemplo. Da história para compreensão daquilo que se estuda na contemporaneidade, mas que ocorreu a milhões de anos atrás.

De acordo com Klug e Tessmann (2014, p. 3) “a interdisciplinaridade se mostra como uma ferramenta necessária, para a construção de uma compreensão mais ampla do real”. Como pode então qualquer educador independente da área em que atua se fechar a sua disciplina? Nem que ele queira é possível. Mesmo que se limite a sua matéria, ainda assim estará utilizando elementos que concernem a outras disciplinas, de forma limitada é claro. Nesse contexto, importante às mudanças de concepções e atitudes do professor que visa educação de qualidade ao educando, bem como da equipe pedagógica que acompanha o desenvolver do trabalho docente. Compartilhamos das considerações de Pontuschka, Paganelli e Cacete (2007) no qual afirmam que a interdisciplinaridade,

[...] pode criar novos saberes e favorecer uma aproximação maior com a realidade social mediante leituras diversificadas do espaço geográfico e de temas de grande interesse e necessidade para o Brasil e para o mundo. O professor de uma disciplina específica com uma atitude interdisciplinar abre a possibilidade de ser um professor-pesquisador porque deve selecionar os conteúdos, métodos e técnicas trabalhados em sua disciplina e disponibilizá-los para contribuir com um objeto de estudo em interação com os professores das demais disciplinas. (Pontuschka; Paganelli; Cacete, 2007, p. 145)

Por fim, como exemplo de diferente abordagem metodológica, o educador pode apostar em atividades em sala com auxílio do livro didático e realizar pesquisas na internet sobre assuntos que concerne à comunidade onde os educandos vivem. Posteriormente, formar grupos e propor aos mesmos que façam a apresentação do conteúdo como se estivesse transmitindo um programa de

televisão, um jornal. A atividade é bem aceita pelos educandos que trabalharão o conteúdo proposto pelo material didático e ao mesmo tempo a realidade vivenciada. Além disso, tem-se ainda a queimada geográfica, caça ao tesouro, palavras cruzadas, caça palavras, jogos, jogral, etc. Importante dizer que todas essas alternativas podem ser construídas em sala de aula pelo professor e aluno colaborando para aumentar afinidade entre os mesmos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino da geografia na contemporaneidade exige mudanças e reestruturação na forma de pensar e agir, tanto no que se refere ao trabalho docente como na concepção dos educandos acerca da importância da aprendizagem do componente curricular. Ensinar e aprender geografia vai além de decorar os conteúdos propostos e se ater as informações fornecidas através do livro didático. É necessário que alunos e professores estejam abertos a conhecer o mundo além das barreiras geográficas que os cercam e correlacionar ao local vivenciado pelos mesmos, haja vista que a geografia é construída no dia a dia.

As inúmeras metodologias de ensino propiciam ao docente uma gama de possibilidades de trabalhar o conteúdo com os alunos de maneira lúdica e interdisciplinar, fazendo com que os mesmos tenham sempre em mente a sociedade onde vivem e a percepção dos problemas que afetam a mesma. Dessa forma os discentes desenvolvem a condição de mudar a realidade presenciada através do conhecimento que a geografia, enquanto componente curricular, bem como, a visão ampla do mundo para além do lugar onde os problemas foram diagnosticados. Em suma, a geografia se traduz ao estudo da sociedade e de todos os organismos que nele vivem.

Referencias

Brasil. (1998): "Parâmetros curriculares nacionais: geografia". Brasília.

Bollnow, O. F. (2008): O homem e o espaço. Editora da UFPR. Curitiba.

Carvalho, E. A. de; Araújo, P. C. de (2009). Leituras Cartográficas e interpretações estatísticas II. Disponível em: http://www.ead.uepb.edu.br/arquivos/cursos/Geografia_PAR_UAB/Fasciculos%20-%20Material/Leituras_Cartograficas_II/Le_Ca_II_A06_MZ_GR_260809.pdf. Acessado em 11/07/2020 às 14:23

Castrogiovanni, A. C.; Abreu e Silva, P. R. F. de. (2016): "A dialógica entre a Cartografia no ensino básico e o sistema de informação geográfica nos pleitos territoriais". In: Castrogiovanni, A. C (Coord.) *Movimentos para ensinar Geografia – oscilações*. Editora Letra, Porto Alegre, Pp. 143-156.

Charaudeau, P. (2010). Por uma interdisciplinaridade “focalizada” nas ciências humanas e sociais. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/netii/transdisciplinaridade.pdf>. Acessado em 10/07/2020 às 14:30.

Dardel, E. (2011): O homem e a terra: natureza da realidade geográfica. Editora perspectiva, São Paulo.

De Paulo, J. R. (2015). A construção de maquetes nas aulas de geografia: contribuições para mudanças de concepções de ensino. Disponível em <http://cac-php.unioeste.br/eventos/senieeseminario/anais/Eixo.pdf>. Acessado em 11/07/2020 às 09:40

Gomes, P. C. da C. (2003): “Geografia e Modernidade”. Editora Bertrand, Rio de Janeiro.

Hahn, J. B.; Kaercher, N. A. (2016): “Os arredores da escola: “Lugarizando a aprendizagem, vivenciando a geografia por meio de maquetes e cordel””. In: Castrogiovanni, A. C (Coord.) *Movimentos para ensinar Geografia – oscilações*. Editora Letra, Porto Alegre, Pp. 255 - 277.

Kaercher, N. A. (1996): “A Geografia é Nosso Dia-A-Dia”. Na revista Boletim Gaúcho de Geografia, N° 21, Agosto de 1996, p.7-192.

Klug, A. Q.; Tessmann, J. M. da C. (2014). A interdisciplinaridade no ensino de geografia: realidade ou desafio?. Disponível em: <http://www.cbg2014.agb.org.br/resources/anais/1/1406904990.pdf>. Acessado em 11/07/2020 às 13:10

Morin, E. (2008): “Ciência com consciência”. Editora Bertrand Brasil, Rio de Janeiro.

Piedade, J. L. T.; Pires, M. M. (2014). Filmes, documentários e vídeos, suas contribuições para o ensino de geografia. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_unioeste_geo_artigo_juciane_lucia_tonial.pdf. Acessado em 11/07/2020 às 10:35

Pontuschka, N. N.; Paganelli, T. I; Cacete, N. H. (2007): “Para ensinar e aprender Geografia”. Editora Cortez, São Paulo.

Santos, M. (2012): “Por uma Geografia Nova: Da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica”. . Editora EDUSP. São Paulo.

Santos, L. P. dos; Costella, R. Z. (2016): “Jean Piaget e a construção do conhecimento: o mito da caverna”. In: Castrogiovanni, A. C (Coord.) *Movimentos para ensinar Geografia – oscilações*. Editora Letra, Porto Alegre, Pp. 157-168.

Santos, M. da S.; Lorenzo, I. D. N. (2015): O uso da paródia e de instrumentos musicais como recursos didáticos no ensino de geografia. Disponível em: <http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal15/Ensenanzadelaidegeografia/Investigacionydesarrolloeducativo/22.pdf>. Acessado em 11/07/2020 às 17:21.

Silva, L. A. da; Nunes, A. P.; Silva, C. de O.; Severo, D. da S.; Brito, S. S. da S. (2015): “Os parâmetros curriculares nacionais de geografia do ensino fundamental”. Disponível em: [file:///C:/Users/Cliente/Downloads/1940-7053-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Cliente/Downloads/1940-7053-1-PB%20(1).pdf). Acessado em 10/07/2020 às 08:40.

Soares, M. de O. (2011): O Novo Paradigma Produtivo e os Parâmetros Curriculares Nacionais de Geografia. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-17082012-102430/es.php>. Acessado em 10/07/2020 às 18:30.